



ANTÔNIO CARLOS Magalhães, Marco Maciel, Jorge Bornhausen e Cesar Maia na reunião preparatória da convenção

07 MAI 1994

GLOBO

PFL faz convenção e começa a preparar candidatura de ACM à Presidência

Partido resolve adotar postura de maior independência em relação a FH

BRASÍLIA. O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), deve ter seu nome lembrado como candidato a presidente hoje. Na sua convenção, o PFL vai decidir que terá candidato próprio à sucessão de Fernando Henrique Cardoso. Antônio Carlos não será lançado oficialmente, mas haverá faixas, cartazes e outras manifestações de apoio ao seu nome na convenção.

Em recente pesquisa do Instituto Vox Populi, Antônio Carlos aparece em terceiro lugar, com 13%, atrás de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e de Itamar Franco (PMDB), e à frente de José Serra (PSDB). O PFL já deixou claro que adotará uma postura de maior independência em relação ao Governo, para não vincular o nome do seu candidato a Fernando Henrique.

— Ainda é cedo para lançarmos um nome, mas não é cedo para dizermos que teremos candidato próprio à Presidência em 2002 — afirmou o líder do PFL no Senado, Hugo Napoleão (PI).

Na convenção, o senador Jorge

Bornhausen (SC), será reeleito para a presidência do PFL, assim como o vice-presidente, o senador José Jorge (PE). A novidade será a eleição de Cesar Maia, ex-prefeito do Rio, para a outra vice. Com isso, o PFL fortalece Cesar na disputa com o prefeito Luiz Paulo Conde, para devolvê-lo da decisão de deixar o partido.

“Candidatura própria, educação e emprego”, o slogan

Na convenção, o partido adotará um trinômio como slogan: “Candidatura própria, educação e emprego”. O PFL quer mostrar que a política econômica que levou o país à crise não foi responsabilidade sua, e sim do PSDB. Ontem, diante do vice-presidente Marco Maciel, o PFL fez críticas ao Governo num seminário sobre economia e perspectivas para a virada do milênio.

Os economistas Paulo Rabelo de Castro, Daniel Dantas e Paulo Guedes, convidados para as palestras, criticaram a política de privatizações, dizendo que o Governo permitiu a grupos estran-

geiros comprar barato empresas nacionais, alijando a sociedade do processo. Reclamaram também da política cambial determinada pelo ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco, que levou o país à depressão e ao desemprego. Para os três, o Governo demorou para abandonar essa política, e os efeitos disso ainda serão sentidos por algum tempo.

— As reformas começaram em ritmo tucano. Os tucanos são como um avião que voa baixo e devagar — disse Paulo Guedes.

César Maia chegou a pregar a troca da equipe econômica. Para ele, nem o ministro da Fazenda, Pedro Malan, nem seus secretários tem condições de integrar a sociedade na discussão. César garantiu que será candidato ao Governo do Rio em 2002 e que abrirá mão da disputa da sucessão de Conde no ano que vem. Disse que só concorrerá a prefeito se, em maio ou junho do próximo ano, as pesquisas mostrarem uma vantagem excepcional do seu nome e chances pequenas para outra alternativa do PFL. ■